



## DO “A COMIDA É O DE MENOS” AO “EU COZINHO IGUAL OU MELHOR QUE ELE”: A COZINHA DAS MULHERES EM MOBILIDADE COMO ESPAÇO DE AGÊNCIA FEMININA

FROM "FOOD IS THE LEAST OF IT" TO "I COOK AS WELL AS OR BETTER THAN HIM": WOMEN ON THE MOVE COOKING AS A SPACE FOR FEMALE AGENCY

Diana Patricia Bolaños Erazo\*

Maria Catarina Chitolina Zanini\*\*

**Resumo:** O presente artigo visa analisar, de forma mais aprofundada, os dados obtidos nos trabalhos etnográficos de dissertação e tese de uma das autoras, ambos defendidos no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, em 2019 e 2023, respectivamente. Embora as questões de gênero não tenham sido o eixo central de tais empreendimentos acadêmicos, por se tratar de pesquisas sobre a comida e o comer, as mulheres, brasileiras na Colômbia e colombianas no Brasil, apareceram como as principais artífices de negociações, manutenções e transformações culinárias, principalmente entre aquelas que já eram mães. De forma comparativa, o artigo busca estabelecer um diálogo entre as trajetórias de vida de mulheres de gerações, nacionalidades, classes sociais e status migratório diferentes, com a intenção de salientar que, apesar das cozinhas e o cozinhar terem sido sempre caracterizados como espaços domésticos femininos em que a sobrecarga e desvalorização primam, quando no contexto dos deslocamentos, podem representar uma agência que lhes confere conhecimento e, por conseguinte, poder. No entanto, um olhar interseccional nos ajudará a compreender as nuances entre ambos os deslocamentos e as estratégias traçadas por elas.

**Palavras-chave:** Mulheres. Migrantes. Comida. Cozinha. Agência.

\* Doutora e Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Pesquisadora associada ao NECON – Núcleo de Estudos Contemporâneos, da Universidade Federal de Santa Maria e do GEPAC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. Trabalha com as temáticas de migração, refúgio, gênero e comensalidade desde uma perspectiva antropológica. E-mail: dianabolanoserazo@gmail.com

\*\* Possui graduação em Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS (1987), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília- UnB (1997), doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo- USP (2002) e Pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ) (2008). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em História. Coordenadora do NECON/UFSM (Núcleo de Estudos Contemporâneos). E-mail: zanini.ufsm@gmail.com



**Abstract:** This article aims to take a closer look at the data collected in the ethnographic dissertations and theses of one of the authors, both defended in the Graduate Program in Social Sciences at the Federal University of Santa Maria in 2019 and 2023, respectively. Although gender issues were not the central axis of these academic endeavors, as they were works about food and eating, women, Brazilians in Colombia and Colombians in Brazil, appeared as the main artisans of culinary negotiations, maintenance and transformations, especially among those who were already mothers. In a comparative way, the article seeks to establish a dialogue between the life trajectories of women from different generations, nationalities, social classes and migratory status, with the intention of highlighting that, although kitchens and cooking have always been characterized as women's domestic spaces in which overload and devaluation prevail, when in the context of displacement, they can represent an agency that gives them knowledge and, therefore, power. However, an intersectional approach will help us to understand the nuances between both displacements and the strategies they use.

**Keywords:** Women. Migrants. Food. Cooking. Agency.

## INTRODUÇÃO

“A comida é o de menos” disse Sandra, interlocutora principal da pesquisa de mestrado de uma das autoras. Em entrevista, Sandra, brasileira e que na época morava em Cali-Colômbia, referia-se aos espaços de sociabilidade entre brasileiros na cidade como fundamentais para a “sobrevivência” no país de destino. Para ela, a comida seria o de menos, porque o que mais importava era socializar, compartilhar com os outros, que assim como ela, estavam longe do seu país de origem. Os cafés da tarde entre brasileiras, assim como os almoços e jantares na companhia dos esposos, seriam momentos de reconforto, de falar português, de lembrar experiências vividas no Brasil, de se sentir em família, apesar de estar longe dela, e de ativar e atualizar uma brasilidade possível. A comida, segundo ela, não era o foco, embora nenhum desses espaços existisse sem ela.

“Eu cozinho igual ou melhor que ele” foi uma das frases mais marcantes da pesquisa de tese de uma das autoras. Enunciada por Maria, colombiana e refugiada no sul do Brasil há mais de 20 anos, quis marcar o seu lugar como conhecedora da culinária do país de origem em oposição ao seu ex-esposo, que abandonara a família e retornara para a Colômbia alguns meses antes da entrevista. Até então, Dario seu ex-esposo, era quem “comandava” a cozinha nos encontros entre colombianos em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Era ela quem, em reuniões coletivas em sua casa, apresentava o comer e a comida colombiana para os santa-marienses e para quem ali estivesse.



Ambas as falas, de Sandra e Maria, apesar de terem sido ditas em contextos totalmente diferentes, marcaram o rumo das pesquisas ao revelar a importância que a manutenção da alimentação do país de origem tem para as mulheres em deslocamento e que ultrapassa a dimensão fisiológica. Elas encontraram na comida, e nas práticas a ela vinculadas, uma forma de agenciamento e visibilidade, embora a reprodução do cuidado e do doméstico como algo inerente e quase que obrigatório para as mulheres também esteja implícito nas práticas.

Percorrer os supermercados no país de destino à procura do ingrediente ideal, do tempero específico, fazendo as negociações entre texturas e sabores, substituições e transformações necessárias para manter os cardápios como no país de origem, é um trabalho das mulheres-mães-migrantes, como Sandra e Maria, considerando-se que as questões de classe e o status migratório aliviam ou intensificam a proporção em que é feito tal trabalho. Embora esta atividade possa estar vinculada a alguma forma de lazer, pois é desenvolvida nos horários além do trabalho formal e remuneratório, exige tempo e disponibilidade. Por vezes o ingrediente ideal ou similar está longe dos bairros de residência e demanda uma logística particular para seu acesso.

Apesar de estarem envolvidas em um outro contexto geográfico, tendo que lidar com as questões específicas de suas mobilidades, as mulheres continuam sendo fornecedoras hegemônicas do cuidado. Elas continuam gerindo o lar e a família, apesar do deslocamento. A manutenção e continuidade do curso da vida próprio, do núcleo familiar e, até, do grupo social extenso, está atrelado a valores feminilizados. São as mulheres as encarregadas de que possamos viver “tão bem como seja possível”<sup>1</sup>, situação que, no deslocamento, é intensificada. A fome, o frio, a angústia, a higiene e bem-estar são delas esperado.

A reorganização familiar precária, estabelecida no movimento migratório, colocou-as como responsáveis da manutenção da vida cotidiana, e atrelou o cuidado às lógicas do amor e das emoções. Elas são uma ponte entre o Brasil e a Colômbia para seu núcleo familiar, o elo que vincula o país de destino ao país de origem para os seus filhos. No entanto, as relações sociais são dinâmicas e estão em constante negociação, também. No contexto das mobilidades, os atores sociais, neste caso, as mulheres que

---

<sup>1</sup> FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. “Toward a feminist theory of caring”. In: ABEL, Emily; NELSON, Margaret. **Circles of care: Work and identity in women’s lives**. Albany: State University of New York Press, 1990. p. 35-62.



desempenham o cuidado, assumem um protagonismo outorgado pelo grupo social no qual estão inseridas.

Para além da distribuição desigual das tarefas domésticas entre os gêneros e de já realizarem o trabalho produtivo e reprodutivo para o grupo familiar, quando estendido ao grupo social extenso, as mesmas funções cotidianas e invisibilizadas, adquirem um outro status. Elas são vistas pelos membros do grupo social – seus conterrâneos migrantes – como as guardiãs das tradições<sup>2</sup>, e detentoras de um poder especial, capaz de acolher e atualizar as identidades nacionais (e regionais) apesar da distância. Elas estabelecem vínculos transnacionais com o país de origem e, por meio da comensalidade, ressignificam memórias e “nutrem o estômago e o coração”<sup>3</sup> dos membros do grupo social. Por gênero, compreendemos, como salienta Joan Scott<sup>4</sup>, relações envoltas em poder e também historicamente situadas, que devem ser compreendidas em dinâmicas contextualizadas.

Neste artigo, colocaremos em diálogo dois grupos de mulheres em mobilidade que, por meio da comensalidade, deram continuidade à vida social do grupo familiar e das redes sociais das quais passaram a ser parte devido ao deslocamento. Apesar de ser um trabalho comparativo, não busca homogeneizar as mulheres e suas trajetórias, entendendo que os motivos para o deslocamento, o status migratório, a etnia, classe, entre outros, são diferentes entre si, e serão tensionados, assim como suas nuances mostradas, sempre que necessário.

No entanto, este empreendimento acadêmico busca mostrar que o esforço adaptativo feminino não é visibilizado e o trabalho doméstico realizado não é considerado como um trabalho, portanto, não é remunerado economicamente, mas simbolicamente, por meio do poder que lhes outorga o conhecimento de saber produzir e partilhar comida dos seus países de origem. Algo requisitado e valorizado no contexto migratório, pela complexidade envolvendo tempo, dinheiro e habilidades específicas.

Os grupos de mulheres correspondem aos analisados na dissertação e tese da autora 1, respectivamente, as brasileiras expatriadas em Cali – Colômbia, e as

---

<sup>2</sup> ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional: A construção da identidade étnica na região de Santa Maria, RS.** Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

<sup>3</sup> ERAZO, Diana Patricia Bolaños. **A comida é o de menos**: as redes sociais dos migrantes brasileiros na Colômbia. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. p. 120.

<sup>4</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.15, n. 2, p. 5-22, 1990.



colombianas refugiadas reassentadas em Santa Maria, Rio Grande do Sul – Brasil. Duas mobilidades totalmente diferentes, com capital social e cultural de diferentes níveis envolvidos. Como era de se esperar, “a condição migratória constitui um eixo de desigualdade social que se sobrepõe com o gênero, parentesco, classe social ou etnia”<sup>5</sup>.

Ambos os estudos, desenvolvidos por meio da observação participante das práticas alimentares e das sociabilidades mediadas pela comida, buscavam compreender o papel que produzir, consumir e partilhar comida do país de origem tinha para o grupo social. O trabalho de campo, constituído de entrevistas e observação participante nas cozinhas e mesas das famílias de migrantes, tanto no Brasil, quanto na Colômbia, evidenciou o papel não apenas da manutenção da comida em si, mas das mulheres enquanto artífices de tal feito. Elas apareceram nos trabalhos etnográficos como as criadoras e mantenedoras das redes sociais e de convívio, principalmente por meio das dimensões do cuidado<sup>6</sup> que tem relação direta com a comida e a comensalidade. Embora os trabalhos não tenham focado nas questões de gênero e do cuidado especificamente, faz-se necessário tensionar e se aprofundar nos debates, com o intuito de valorizar o aporte que desde o doméstico e privado, as mulheres fazem em prol da continuidade da vida social do grupo familiar.

Importante salientar que, apesar de serem mulheres e estarem envolvidas em processos de mobilidade sul-sul, elas participam das cadeias globais do cuidado<sup>7</sup> com outros membros da família que não seus esposos, filhos e netos, uma vez que, dadas as condições de deslocamento, elas migraram na companhia do núcleo familiar mais próximo. No entanto, elas continuam responsáveis pelas mães, pais, avós e irmãos mais velhos, em maior ou menor medida, a depender da classe social à qual pertencem.

Como observado nos estudos, estas mulheres-mães-migrantes (e refugiadas) viram na manutenção da alimentação dos seus países de origem, especificamente quando se trata de práticas cerimoniais, uma possibilidade de agenciamento e um espaço de cuidado mútuo<sup>8</sup> envolvendo outras mulheres que são acolhidas, inseridas e

<sup>5</sup> GUIZARDI, Menara *et al.* Las mujeres y los trabajos de cuidado: breve guía introductoria al campo de estudios. **Revista de Estudios y Políticas de Género**, [S.l.], n. 6, p. 74-114, abr. 2022. p. 92.

<sup>6</sup> GLENN, Evelyn. **Forced to care: Coercion and caregiving in America**. Cambridge: Harvard University Press, 2010. p. 5.

<sup>7</sup> HOCHSCHILD, Arlie. «Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional». *In*: GIDDENS, A.; HUTTON, W. (ed.). **En el límite**. La vida en el capitalismo global. Barcelona: Tusquets, 2001.

<sup>8</sup> GUIZARDI *et al.*, 2022.



comemoradas dentro do grupo social de brasileiros na Colômbia, ou, então, de colombianos em Santa Maria. Além disso, nesse lugar de mantenedoras do gosto<sup>9</sup> e das práticas alimentares, elas reforçam o lugar da família como fonte de cuidado e de coesão e das origens como fonte de pertencimento.

## DESLOCAMENTOS, FAMÍLIA E TRANSNACIONALISMO

O ponto de partida da análise aqui apresentada é a família e a relação com o deslocamento. É na família em que a decisão de se deslocar é tomada, e é a família a principal fornecedora de cuidados, valores e capital quando no deslocamento. Para o grupo de brasileiros na Colômbia ou *expats*, a migração, entendida como altamente qualificada, deu-se baseada na ideia de projeto de vida<sup>10</sup> e ascensão social de pelo menos um dos membros do núcleo familiar mais próximo. O intuito era o acúmulo de capital em um período determinado e curto de tempo.

Com a migração organizada, principalmente por meio de uma oferta de emprego aos homens do grupo familiar, migraram na busca de ascensão social, prestígio e com todas as questões burocráticas e administrativas organizadas. É o que na dissertação foi entendido como uma migração acordada de Ministério das Relações Exteriores para Ministério das Relações Exteriores. Isto é, uma mobilidade planejada e com todo o aparato institucional a sua disposição para respaldá-la e regulá-la.

Todavia, a forma como se deslocam as mulheres colombianas das quais se ocupa este estudo, é diferente. Elas partem da Colômbia em direção ao Equador, e finalmente ao sul do Brasil, pelo fundado temor de perseguição e morte. Elas não migram com um projeto de vida estabelecido, nem com as condições estruturais resolvidas, como as *expats* brasileiras na Colômbia. O deslocamento acontece com a intenção de garantir a sobrevivência e de manter a família unida e viva, uma vez que eram perseguidas na Colômbia. Nos casos observados durante a tese, a saída do país se deu em decorrência das ameaças aos homens do grupo familiar.

Saindo da Colômbia, em direção ao Equador, as famílias de colombianos recebem ajuda humanitária vinda de Igrejas e ONG's que trabalham em prol da manutenção da vida e da proteção dos direitos humanos. Já no Equador, adquirem o

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

<sup>10</sup> VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade moderna. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.



status jurídico de refugiados, com o auxílio do ACNUR – Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas. No Equador, as famílias de colombianos solicitam o “terceiro país” ou reassentamento, uma das três soluções duradouras para a acolhida humanitária e proteção. Consiste na transferência dos refugiados a um outro Estado ao ser constatado que continuam em iminente perigo no país anfitrião. Dessa maneira, a migração de brasileiros à Colômbia, e o refúgio de colombianos no Brasil parecem ser dois lados distantes das mobilidades, conectados, unicamente, pelos dois países envolvidos.

De certa maneira, esta afirmação é verdadeira. As famílias de *expats* já pertenciam a uma elite econômica no seu país de origem. Deslocaram-se como uma forma de expressar seu cosmopolitismo e seu direito de ir e vir, conhecendo outras culturas e acumulando capital cultural e econômico no caminho. Tratava-se de um projeto de ascensão social que fez uso do deslocamento para tal. Enquanto as famílias de refugiados reassentados organizaram sua mobilidade de um dia para o outro. Deixando sua família extensa e seus amigos para trás, sem maiores explicações. Seus “nomes” foram colocados sob suspeita, tanto no país de origem, quanto no país de destino. De forma desorganizada e com auxílio de terceiros, reinventaram-se e reaprenderam tudo que foi preciso para sobreviverem.

No entanto, as formas de se relacionar e de se inserir na sociedade de destino, de expressar agência e emoções, em ambos os casos, com seus devidos nuances, assemelham-se. É por meio da comida e dos valores, das hierarquias e posturas perante a vida expressas no ato de comer em sociedade, que as mulheres expatriadas e refugiadas encontraram uma forma de se aproximar do seu país de origem, mesmo estando distante dele, assim como de se inserir na sociedade de destino. Elas demarcaram suas identidades e se posicionaram enquanto mulheres-mães detentoras de um conhecimento durante a mobilidade, por meio daquilo que era levado à mesa.

No país de destino, as mulheres ativaram redes sociais de convívio com o objetivo de encontrar conterrâneos e acolher a quem, assim como elas, ia chegando. Como observado por Vertovec<sup>11</sup> é justamente em contextos transnacionais, como o incentivado pela mobilidade internacional, que as redes sociais se intensificam.

---

<sup>11</sup> VERTOVEC, Steven. **Transnationalism**. New York: Routledge, 2009.



Os encontros presenciais mediados pela comida do país de origem, eram a expressão máxima do trabalho executado pelas redes comandadas pelas mulheres em mobilidade. Os cafés da tarde entre brasileiras e os jantares de sábado entre colombianos foram entendidos como momentos que ultrapassavam fronteiras. Esse interesse comum de se manterem “brasileiros” ou “colombianos” apesar da migração, seja por meio da comida, da língua, da música, dos temas a tratar ou, inclusive, os gestos, são práticas transnacionais<sup>12</sup> fundamentadas nos processos por meio dos quais os sujeitos constroem campos sociais que vinculam o país de destino com o país de origem. Em ambos os casos (das famílias expatriadas e refugiadas) os sinais diacríticos<sup>13</sup> para expressar pertencimento a um território e demarcar suas identidades, estavam atrelados à comida.

Entendemos estas famílias em mobilidade como transmigrantes<sup>14</sup> isto é, sujeitos enraizados no país de destino, mas que mantêm múltiplos vínculos com o seu país de origem. Elas não se entendem, nem são entendidas pela sociedade, como viajantes ou estrangeiras, uma vez que se acolheram às instituições locais e aos padrões da vida cotidiana local, mas, ao mesmo tempo, elas participam da sociedade no país de origem construindo conexões e se mantendo “presentes” na vida social do país que deixaram para trás. E é justamente essa uma tarefa feita pelas mulheres do núcleo familiar. Pelo fato de serem mães, recai sobre elas a obrigação, invisível, de manterem seus filhos próximos do país de origem e da família que por lá ficou.

Por ser uma obrigação não considerada objetivamente, o trabalho que elas executam em prol desse objetivo, acaba se tornando invisível e pouco valorizado também. Elas produzem cardápios do país de origem, organizam a circulação de mercadorias e alimentos, mantêm as músicas, danças, língua, vestimentas e objetos decorativos que faziam sentido na vida pré-mobilidade, entre outros. Em poucas palavras, as mulheres organizam a vida familiar para que seus filhos tenham acesso às memórias do país de origem, dando-lhes as ferramentas identitárias necessárias para

---

<sup>12</sup> GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. **New York Academic of Sciences**, New York, v. 645, n. 1, p. 1-24, 1992.

<sup>13</sup> BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

<sup>14</sup> GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. **Anthropological Quarterly**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 48-63, 1995. p. 48.



que refaçam as narrativas sobre si e sua procedência, assim como para se inserir na nova realidade.

As mulheres-mães se veem na obrigação de criar elas mesmas, redes novas que lhes permitam encontrar um novo emprego, transitar pela cidade, procurando fontes de suprimento de ingredientes para alimentar os seus filhos. Isto é, mesmo longe dos seus países de origem, as mulheres continuam respondendo às expectativas de gênero atreladas ao cuidado que recaem sobre elas, tanto do país de origem como aquelas esperadas na terra de destino. Mas, não se trata apenas de alimentar a família no sentido fisiológico do termo, mas no sentido simbólico, cultural, afetivo e moral também. A ingestão de comida do país de origem, mesmo tendo negociado técnicas e ingredientes disponíveis no país de destino, envolve uma afetividade não apenas de mãe para filhos, mas de filhos com o país de origem. São vínculos de reciprocidade e moralidade tecidos nas intimidades.

Tal situação mostra que as representações sobre maternidade, entendida academicamente como um constructo social, quando no deslocamento, são reinventadas e desafiadas, levando em consideração as interseccionalidades e as múltiplas vulnerabilidades em que as mulheres são colocadas. Elas são responsáveis econômica e socialmente pela sobrevivência das suas famílias, sendo um coletivo mais vulnerável, atravessado pelas questões de classe social e status migratório, mas sem deixar de elucidar que “são capazes de articular sua agência em contextos pouco favoráveis”<sup>15</sup>. Cuidar aqui, como se estivesse lá, sendo uma “ponte” entre o Brasil e a Colômbia para os seus filhos, ou “um porto seguro” como a Sandra falou em entrevista. Um trabalho emocional com efeitos diretos nas identificações e na vida social do grupo familiar. Quando a questão é família, gênero, maternidade e deslocamentos; objetos, comidas, pessoas e ideias circulam, e se estendem além das fronteiras. Difícil mensurar o impacto que tais exigências tiveram na vida destas mulheres e que, de certa forma, fizeram delas o suporte cotidiano da empreitada migrantista bem-sucedida.

---

<sup>15</sup> CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. **Cad. Pagu**, Campinas, v. 49, 2017. p. 21. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490012>.

## A COMIDA NO CONTEXTO DAS MOBILIDADES

Em ambos os estudos, a comida se mostrou como uma forma de circulação de afetos incentivada e possibilitada pelas mulheres-mães do grupo. Desse modo, reproduzir em casa a comida do país de origem envolveu uma dimensão comunicativa tão, ou mais importante, que a dimensão fisiológica de se alimentar. A cozinha – a comida – destas mulheres em mobilidade irá evidenciar o quanto “estar no comando de uma cozinha, mesmo que doméstica e socialmente invisível, é ter o poder de mexer com as estruturas. A agência das mulheres, desta forma, está no poder de transformar e não romper com as estruturas”<sup>16</sup>.

A comensalidade entre brasileiros na Colômbia e colombianos no Brasil, foi entendida como uma forma de agradar e acolher, “cozinhar para se encontrar” e comemorar a amizade, ou nas palavras de Da Matta<sup>17</sup>, “Com estranhos eu como para viver, com amigos eu vivo para comer”. No contexto das mobilidades, cozinhar e comer entre conterrâneos é um momento para atualizar a identidade nacional, evocar memórias sobre a origem comum, mas, principalmente, de escutar o outro que, por vezes, atravessa situações semelhantes às vividas pelos membros mais antigos do grupo. Diferente das *expats* brasileiras, as refugiadas colombianas aproveitavam os espaços de interação entre colombianos que a comensalidade possibilitava, para ressignificar memórias antigas e construir novas lembranças para si e para sua família. Lembranças estas que associavam suas vidas com o país de origem, de uma forma menos hostil e mais festiva. Lembrar da Colômbia assistindo a um jogo de futebol da seleção, entre migrantes e refugiados colombianos<sup>18</sup>, compartilhando bebidas, comida, música colombiana e anedotas em espanhol, trouxe outra ideia de colombianidade, principalmente para os mais novos, que se deslocaram ainda crianças ou, então, que nasceram no processo de mobilidade.

Cozinhar e comer eram uma desculpa para ser e se sentir parte de algo maior, para compartilhar afetos e para demonstrar domínio e habilidade no preparo da comida

---

<sup>16</sup> FERREIRA, Jamile; WAYNE, Lara. A cozinha das mulheres: de espaço de domesticação ao de empoderamento a partir de saberes e fazeres culinários. **Revista Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, 2018. p. 115.

<sup>17</sup> DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987. p. 22.

<sup>18</sup> No texto faço ênfase nas categorias jurídico-administrativas de migração e refúgio. No entanto, tal separação nunca foi apontada por nenhum dos membros. Nos encontros éramos “apenas” colombianos em Santa Maria.



típica do país de origem, um saber muito valorizado por todos os membros do grupo. Esse domínio se transforma, no caso das mulheres, em uma agência que lhes confere poder. No contexto das mobilidades, aquilo que antes parecia tão rotineiro e, portanto, invisível, transforma-se em uma forma de comunicar aquilo que se é e aquilo que os outros são, uma forma de categorizar e organizar a experiência migratória e de adotar uma identidade que os irá acompanhar durante a vida. Dessa forma, os brasileiros em Cali adotaram a *feijoada* como o sinal diacrítico que dava conta da sua brasilidade, enquanto os colombianos em Santa Maria o fizeram com o *Sancocho de Gallina*. Apesar da diversidade regional, presente em cada grupo, escolheu-se um único prato para representar uma identidade nacional.

O prato-tótem<sup>19</sup>, isto é, aquele que carrega o valor simbólico importante para o grupo, foi eleito pela facilidade para encontrar os ingredientes, ou suas equivalências, a habilidade no preparo de quem cozinha e pelo impacto que causaria, não apenas entre os conterrâneos que os consumissem, mas entre os convidados locais que vierem a experimentá-los. Esse poder de decisão é ostentado pelas mulheres do grupo. O poder de decidir quando se reunir, o quê comer, a quem convidar e, mais importante, quais as configurações e reconfigurações que o prato pode sofrer sem transformar-se em outra coisa que não os represente. Assim, saber preparar a feijoada brasileira na Colômbia ou *Sancocho de Gallina* colombiano em Santa Maria faz parte de um processo em que a legitimidade do saber-fazer acresce pertencimento e valor aos fazedores.

O motivo principal para manterem os cardápios semelhantes aos do país de origem, tanto no cotidiano com a família, quanto nos momentos cerimoniais, em companhia de outros conterrâneos, eram os filhos. Para Sandra, brasileira em Cali, apesar da comida colombiana ser bem recebida pelo seu filho adolescente, apenas a comida brasileira seria consumida “de prato cheio”. Portanto, cozinhar comida brasileira, isto é como no Brasil” seria uma questão de saúde e sobrevivência, assim como uma demonstração do amor familiar. Para Maria, colombiana em Santa Maria, além de ser uma demonstração de cuidado e amor, esperada culturalmente pelo vínculo mãe-filho, preparar comida como na Colômbia, para os seus filhos e os filhos de outros colombianos, seria uma necessidade. Principalmente, porque foi por meio do preparo e consumo de comida do país de origem, que eram ensinados valores e posturas perante

---

<sup>19</sup> CONTRERAS, Jesús. Alimentación y religión. **Humanitas Humanidades Médicas**, [S.l.], n. 16, p. 1-22, 2007.



a vida. O conhecimento culinário seria uma forma de se tornar colombiano, apesar da distância ou, inclusive, de ter nascido em outro país.

A comida é, então, uma ferramenta pedagógica potente, quando no contexto das mobilidades. Ela demarca identidades<sup>20</sup>, ensina valores, rege comportamentos, evoca lembranças, comemora vínculos e possibilita trocas entre “próprios e estranhos”<sup>21</sup>, uma ponte entre os filhos e o país de origem deles ou de seus pais, e uma forma de se inserir e ser aceito entre a comunidade local. E, como salienta Mintz<sup>22</sup>, a comida migrante é uma comida “on the move”, em constante ressignificações. Entre permanências, adaptações e negociações, o importante é conhecer, também, o significado atribuído ao produzir e consumir tais comidas. O que se come quando se come?

## **CUIDAR DE SI, CUIDAR DOS OUTROS – COZINHAR PARA SI, COZINHAR PARA TODOS**

Como apontado, as mulheres dos estudos não migraram com a intenção de formar uma família transnacional no país de destino, mas de garantir a continuidade dela, tendo que incorporar as práticas transnacionais por causa dessa mobilidade. Elas são produtoras de relações, afetos e significados envolvendo a família nuclear, a família extensa e a familiaridade, compadrio e amizades estabelecidas no contexto migratório. É no deslocamento e por meio das práticas transnacionais, que as mulheres-mães respondem às expectativas de gênero colocadas nelas. Por vezes, criar os filhos e cuidar da família como um todo, mostra-se opressivo e desgastante, por outras, uma negociação na busca pelo poder, pois é no lar o local em que elas tudo podem decidir.

Desnaturalizar o fato de que a cozinha e o cuidado dos filhos e da casa não é uma função inerente da mulher, apenas por ser mulher, ajuda na valorização do trabalho não remunerado que as mulheres realizam e que é, em grande medida, exacerbado pelo movimento migratório. As mulheres cuidam em todos os contextos e em todos os países pelos que passam, mas de forma desigual entre si. A classe social, status migratório e país de procedência fazem a diferença na hora de entregar esse cuidado. No deslocamento se constroem e reconstroem as relações de gênero. Se, como salienta

---

<sup>20</sup> MACIEL, Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 25-39, jan./jun. 2004.

<sup>21</sup> Da expressão em espanhol: *propios y extraños*, que denota “a totalidade das pessoas”.

<sup>22</sup> MINTZ, Sidney. Comida e antropologia. Uma breve revisão. **RBCS**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.



Linda Nicholson<sup>23</sup>, devemos olhar para as questões de gênero nas suas particularidades, nos seus contextos. E nisso estas mulheres tem muito a nos ensinar, afinal, na lógica da sobrevivência familiar, tiveram que aprender e ensinar acerca de relações sociais e de lugares no mundo para seus filhos. E, para elas mesmas também.

Esta sobrecarga, este trabalho não remunerado, não é igual para todas as mulheres-mães e migrantes (ou refugiadas). O grupo de mulheres brasileiras e expatriadas na Colômbia entendiam o cuidado – transmitido pelo cozinhar e comer como no Brasil – como um ato de amor familiar, mas elas, nem sempre, eram as artífices diretas dessa forma de cuidado. Nascidas em grandes cidades brasileiras, com escolaridade superior e tendo migrado à Colômbia graças a uma oferta laboral dos seus esposos, elas deixaram “os mais afetados decidirem”<sup>24</sup> e empreenderam o processo migratório. Na Colômbia, as empresas multinacionais para as quais os seus esposos trabalhavam, resolveram as questões burocráticas e organizaram a migração. Preocupações como visto, aluguel, escola dos filhos, segurança privada, entre outros, foram acordados desde antes de sair do Brasil. Na dissertação, isto foi entendido como uma migração de Ministério de Relações Exteriores para Ministério de Relações Exteriores. Tudo organizado e possibilitado por um aparato estatal e privado que os acolheu.

Sandra, a interlocutora principal da pesquisa, contou em entrevista que conseguiu levar sua *funcionária*<sup>25</sup> brasileira para que, por alguns dias, treinasse a nova funcionária colombiana e a instrísse na culinária brasileira, que seria o mais importante para todos da família, conseguir reproduzir domesticamente o estilo de vida que tinham no Brasil.

As mulheres colombianas em Santa Maria, de família camponesa na Colômbia, deixaram o país graças a ameaças que pairavam em conta de seus esposos ou da sua família como um todo. Elas empreenderam a mobilidade sem nenhum tipo de preparo ou rede social previamente estabelecida e com o único objetivo de garantir a sobrevivência do núcleo familiar, apesar da violência simbólica que constitui sair às pressas, apenas com o que coube na mala. Não traziam consigo capital econômico ou

<sup>23</sup> NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 jun. 2024.

<sup>24</sup> ERAZO, 2019, p. 52.

<sup>25</sup> Ela se refere à empregada doméstica.



social. Mas, foram se inserindo nas redes de apoio. Elas e suas famílias foram auxiliadas por uma rede de familiares, amigos e conhecidos, mas, principalmente, de ONG's e igrejas dedicadas à proteção integral dos Direitos Humanos. A diferença das mulheres brasileiras, sua presença gerou desconforto e desconfiança entre quem as "acolheu". O medo e a vergonha as impossibilitaram de ostentar tranquilamente suas identidades nacionais, tendo que refazer um discurso verossímil cada vez que sua presença no Brasil era tensionada.

Ao chegar no Brasil, elas não contrataram ninguém para ajudá-las na transição alimentar e de cuidados com os filhos, muito pelo contrário, elas se inseriram nas cadeias globais do cuidado, atuando, até hoje, na parte de serviços gerais de lojas, igrejas e no cuidado de crianças e idosos, isto é, desenvolvendo um trabalho doméstico múltiplo<sup>26</sup> (para si e para terceiros) que deixa o trabalho produtivo e o reprodutivo permeado pelo cuidado.

Como observado em ambos os estudos, a organização genérica do trabalho<sup>27</sup> transita entre a esfera pública e a doméstica. Os homens buscam o reconhecimento dos seus pares no trabalho, enquanto as mulheres buscam o reconhecimento das suas famílias, em casa. A valorização desta esfera doméstico-privada compreende que o trabalho que elas realizam está vinculado, diretamente, com o preparo físico e emocional do resto da família para encarar as rotinas de trabalho e estudos e contribuir com o sistema econômico. Um olhar comparativo a tal esfera, permite-nos analisar as nuances existentes entre mulheres-mães em deslocamento. A interseccionalidade permite compreender as múltiplas diferenças e desigualdades entre mulheres-mães que deixaram seus países de origem e encontram-se em deslocamento. E a dieta alimentar assume um papel muito importante nesse processo, salientando que há todo um envolvimento cultural no ato de comer.<sup>28</sup>

Apesar das marcadas diferenças entre as trajetórias destas mulheres e da divergência nas desigualdades enfrentadas no seu dia a dia, elas escolheram se relacionar com as práticas do cuidado desde uma perspectiva que as empodera e as

---

<sup>26</sup> BATTHYÁNY, Karina. **Políticas del cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO: México DF: Casa Abierta al Tiempo, 2021.

<sup>27</sup> LAMAS, Marta. "División del trabajo, igualdad de género y calidad de vida". In: FERREYRA, Marta (coord.). **El trabajo de cuidados: una cuestión de derechos humanos y políticas públicas**. Ciudad de México: ONU Mujeres, 2018. p. 12-23.

<sup>28</sup> MESSER, Ellen. Anthropological Perspectives on Diet. **Annual Review of Anthropology**, [S.l.], v. 13, p. 205-249, 1984. Disponível em: [jstor.org/stable/2155668](https://www.jstor.org/stable/2155668). Acesso em: ago. 2008.



produz enquanto pessoas detentoras de um conhecimento específico e transmissível geracionalmente. Elas produzem, negociam e modificam o poder. Isto é, não é porque os homens trabalham exclusivamente fora de casa, ou porque entre elas existe diferenças de capital social e econômico, que elas vão agir como subordinadas. Elas tomam os marcadores sociais da diferença não como limitantes, mas como recursos que possibilitam a ação<sup>29</sup>.

E foi na cozinha, no cozinhar e comer em coletividade, que as mulheres-mães em deslocamento lograram construir espaços de cuidado mútuo, inserindo-se em práticas coletivas e comunitárias como os cafés da tarde entre brasileiras ou os jantares de sábado entre colombianos. A comida se mostrou uma possibilidade de agenciamento, demonstrando que “cuidar de si e cuidar dos outros, não são, necessariamente, práticas excludentes”<sup>30</sup>. Dessa forma, elas negociam, modificam, inserem e retiram ingredientes, modificam os cardápios, os espaços de sociabilidade, os pratos e as técnicas, com o objetivo de “manter”, não apenas suas famílias, mas todo um grupo social unido. Elas criam estratégias, renegociando relações de poder em diversas interseções de espaços e tempos que as articula a outras dimensões que não apenas a casa ou o trabalho<sup>31</sup>.

No caso das brasileiras na Colômbia, por exemplo, a ativação de redes de convívio com outras mulheres brasileiras, faz parte do processo de inserção no país. Por lá, elas criam vínculos e amizades que se concretizam em cada encontro, tudo mediado pela comida do país de origem, que se converte em espaço de escuta e compartilhamento de experiências de semelhante para semelhante. Trata-se também de uma forma de se cuidar emocionalmente em um contexto em que as posições de prestígio ocupada por elas e seus esposos dificultam a inserção e o contato com outras pessoas, obrigando-as a manter um perfil baixo.

Se a comida é o de menos, por que é importante cozinhar igual ou melhor que o homem que abandonou seu lar? Nesse sentido, a trajetória de Maria é muito rica para pensarmos o importante papel que estas mulheres desempenham nas vivências e sobrevivências diárias dos coletivos nos quais estão inseridas.

<sup>29</sup> PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

<sup>30</sup> KUNIN, Johana. **El poder del cuidado**: Mujeres y agencia en la pampa sojera argentina. 2019. (Tesis doctoral) – Programa de Posgrado en Antropología Social y Cultural Universidad Nacional de San Martín, 2019. p. 352.

<sup>31</sup> GUIZARDI *et al*, 2022, p. 101.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando-se as situações particulares de mulheres brasileiras na Colômbia e de colombianas em Santa Maria, observamos que, apesar das diferenças de classe social, status e de capitais, as trajetórias de Sandra e Maria se interconectam em alguns pontos. Um deles é a comida. A economia doméstica, do produzir, distribuir e consumir alimentos que são por elas valorizados e apresentados aos gostos dos filhos e familiares.

Nisso há um poder imenso, do ponto de vista das identificações e dos pertencimentos aos mundos das origens em que ainda estão avós, tios e outros familiares. Come-se na Colômbia e no Brasil, como se comeria “em família”. Este “estar em casa”, apesar das distâncias geográficas e culturais tem um valor simbólico imenso para os indivíduos em deslocamento.

Estas mulheres, em consonância com as dinâmicas contemporâneas de mobilidade de mulheres em nível mundial, observam o quanto, ainda, o cuidado da casa, da família e dos domínios domésticos é delegado e esperado das mulheres. Além disso, como no caso de Maria, é por meio do trabalho de cuidado remunerado que ela proverá a família quando seu marido volta para a Colômbia e a deixa no Brasil. Nesse sentido, há uma dinâmica de gênero que merece ser compreendida (e questionada) nas trajetórias destas mulheres em mobilidade.

As mulheres-mães em deslocamento são as artífices do principal demarcador de identidades no país de destino. Elas mantêm as tradições introduzindo mudanças e atualizações, com o ensejo de que tudo permaneça “o mesmo”, ou como quando estavam nos seus países de origem. O conhecimento por elas acumulado e as habilidades que elas detêm sobre cozinhar e comer como no país de origem, precisa ser entendido como um saber-fazer que lhes confere agência e, até, como no caso das brasileiras na Colômbia, uma forma possível de inserção no novo país para além da figura dos seus esposos. Talvez seja por elas e por meio delas que os processos de mobilidade possam ser vividos pelos filhos sem tantas rupturas e ausências.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.



BATTHYÁNY, Karina. **Políticas del cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO: México DF: Casa Abierta al Tiempo, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. **Cad. Pagu**, Campinas, v. 49, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490012>.

CONTRERAS, Jesús. Alimentación y religión. **Humanitas Humanidades Médicas**, [S.l.], n. 16, p. 1-22, 2007.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

ERAZO, Diana Patricia Bolaños. **A comida é o de menos**”: as redes sociais dos migrantes brasileiros na Colômbia. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

FERREIRA, Jamile; WAYNE, Lara. A cozinha das mulheres: de espaço de domesticação ao de empoderamento a partir de saberes e fazeres culinários. **Revista Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, 2018.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. “Toward a feminist theory of caring”. In: ABEL, Emily; NELSON, Margaret. **Circles of care: Work and identity in women’s lives**. Albany: State University of New York Press, 1990. p. 35-62.

GLENN, Evelyn. **Forced to care: Coercion and caregiving in America**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. **Anthropological Quarterly**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 48-63, 1995.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. **New York Academic of Sciences**, New York, v. 645, n. 1, p. 1-24, 1992.

GUIZARDI, Menara *et al.* Las mujeres y los trabajos de cuidado: breve guía introductoria al campo de estudios. **Revista de Estudios y Políticas de Género**, [S.l.], n. 6, p. 74-114, abr. 2022.

HOCHSCHILD, Arlie. «Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional». In: GIDDENS, A.; HUTTON, W. (ed.). **En el límite**. La vida en el capitalismo global. Barcelona: Tusquets, 2001.



KUNIN, Johana. **El poder del cuidado**: Mujeres y agencia en la pampa sojera argentina. 2019. (Tesis doctoral) – Programa de Posgrado en Antropología Social y Cultural Universidad Nacional de San Martín, 2019.

LAMAS, Marta. “División del trabajo, igualdad de género y calidad de vida”. In: FERREYRA, Marta (coord.). **El trabajo de cuidados**: una cuestión de derechos humanos y políticas públicas. Ciudad de México: ONU Mujeres, 2018. p. 12-23.

MACIEL, Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 25-39, jan./jun. 2004.

MESSER, Ellen. Anthropological Perspectives on Diet. **Annual Review of Anthropology**, [S.l.], v. 13, p. 205-249, 1984. Disponível em: [jstor.org/stable/2155668](http://jstor.org/stable/2155668). Acesso em: ago. 2008.

MINTZ, Sidney. Comida e antropologia. Uma breve revisão. **RBCS**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 jun. 2024.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.15, n. 2, p. 5-22, 1990.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade moderna. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VERTOVEC, Steven. **Transnationalism**. New York: Routledge, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: A construção da identidade étnica na região de Santa Maria, RS. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

Recebido em: 30 jun. 2024.

Aceito em: 12 ago. 2024.